

## “CERIMÔNIA SECRETA”

Filme de Joseph Losey

Decio Tenenbaum

Em primeiro lugar, quero parabenizar o Gallego pela maneira como ele vem desenvolvendo esta atividade dentro da nossa Sociedade. Quero também agradecer o convite para comentar psicanaliticamente este filme e confessar que esta é a primeira vez em que comento seriamente um filme. Vou ser breve para dar tempo de ouvir a opinião de vocês sobre o meu modo de entender o problema psicológico que o diretor nos propõe com seu filme.

Quando me convidaram para comentar um filme afim com o simpósio de psicose que se iniciará na próxima semana, pensei logo que seria mais um filme contando a história de um louco, do tipo daquele do filme “Psicose” ou de outro dos clássicos neste tema. Fiquei surpreso com o filme, não o conhecia e adorei. Os atores estão ótimos, os personagens muito bem construídos e dirigidos, o clima inglês é fantástico e a trama psicológica está muito bem tecida, exceto pelo diálogo havido entre a Leonora e o Albert na praia. Muito pouco provável, foi uma maneira de apresentar a verdade destes dois personagens e engendrar o final da trama como falarei daqui a pouco.

Eu poderia começar por comentar a escolha do título do filme - Cerimônia Secreta - ou o fato do bebê que é batizado logo no início do filme ter o mesmo nome do diretor ou as referências às soluções que os estigmatizados (no caso os judeus e os negros) encontram para seus problemas psico-sociais, mas aí estaria me dirigindo para a trama psicológica do diretor e não à trama psicológica que o diretor nos oferece à reflexão a partir da experiência vivida ao assistir o filme.

Comentar o quadro psicopatológico de cada um dos três personagens principais (Cenci, Leonora e Albert) e seguir pelo quadro de *folie a deux* que nos foi muito bem apresentado acabaria resvalando para a psiquiatria, no máximo para uma psiquiatria dinâmica.

Como psicanalista me interessa a cena psicodinâmica (individual e grupal) que nos foi apresentada. Tão engenhosamente quanto a vida, o diretor coloca em contato três pessoas cujos perfis psicodinâmicos se complementam:

a) Leonora (Elizabeth Taylor), mulher de meia idade que, para ter a sensação próxima a de ter alguém, dorme com aqueles que ninguém mais quer, tendo sido desde sempre uma errante desamparada (daí poder sentir-se como uma judia já que este é um dos estigmas dos judeus) e que perdeu uma filha numa situação não muito clara, que a faz sentir-se culpada por ter sido desatenta, como ela sente que as pessoas são quando ela precisa. Como é muito comum com estas pessoas, Leonora

torna-se uma caricatura de uma pessoa maternal: vê a todos como carentes sem dar muita atenção à sua própria carência. Só assim podemos entender sua maneira de ver os homens como garotos travessos, os quais provavelmente não sabem o mal que podem fazer a ela. Sem dar atenção à sua própria carência, fica assim refém de uma crônica infelicidade.

Leonora é, inicialmente, envolvida por Cenci a partir de seu luto não resolvido (reaver a filha significaria amenizar a culpa e não estar mais tão solitária), mas, ao entrar na casa desta, fica fascinada pela riqueza (amparo social). Aos poucos vai sendo envolvida pela dupla solução mágica: do seu drama atual, isto é, alguém para cuidar no lugar de sua filha e do seu drama pretérito, isto é, uma infância desamparada.

b) Cenci, magistralmente interpretada pela Mia Farrow, cuja primeira impressão (no ônibus) é de uma púbere que só mais tarde sabemos tratar-se de uma mulher de 22 anos. O personagem conjuga hipodesenvolvimento físico com puerilidade e com rasgos de frieza afetiva num quadro clínico tipicamente hebefrênico (uma das formas de apresentação da esquizofrenia) que nos leva a pensar o quanto não sabemos sobre as possíveis inter-relações entre doença mental e doença orgânica, no caso endócrina.

Ao nos fazer entender que Cenci perdeu seu pai (um homem de negócios muito rico, idealizado e distante) aos 9 anos e que teve como mãe uma pessoa fútil, superprotetora, que casou-se com seu pai logo após enviudar e que veio a morrer de câncer em um estado mental final claramente paranóico, portanto uma pessoa com importantes problemas psicológicos no desempenho de sua função materna - a superproteção - e em lidar com perdas e desamparo - o segundo casamento muito rápido e com um sedutor barato, acredito que o diretor tenha querido aproveitar a oportunidade para veicular para o grande público a discussão que estava grassando os meios psiquiátricos da época. Em Londres estava surgindo, capitaneado por Ronald Laing e David Cooper, movimento que ficou conhecido como a “anti-psiquiatria”, que se caracterizou por mostrar o papel patogênico de certos tipos de relações familiares.

Como Leonora, Cenci também estava enfrentando um processo de luto e também estava presa na fase de busca do objeto perdido, tão bem descrita por John Bowlby em sua trilogia Apego, Separação e Perda. O diretor mostra muita sensibilidade ao nos fazer ver que o quadro de luto patológico de Cenci veio a se sobrepor ao quadro de desorganização mental. Sem a presença (delirante) de sua mãe, Cenci não poderia encenar tão realmente quanto a loucura exige seu drama edípico. Assim, enquanto Cenci precisa de Leonora para resolver delirantemente seu drama edípico e assim constituir-se numa pessoa, Leonora encontrou no cuidar de Cenci a solução para seu drama atual (a culpa pelo ocorrido com a filha) e passado (desamparada e errante como uma judia).

c) Albert (Robert Mitchum), homem que sabe se utilizar de seu charme e de seu intelecto (cena da praia em que acusa Leonora de não deixar Cenci crescer como a mãe desta fazia) para conseguir o que quer das pessoas, soube envolver a mãe de Cenci, uma mulher incapaz de passar pelo processo de luto. Como os outros dois personagens, Albert também tem suas inseguranças, claramente expressas através de sua sexualidade não desenvolvida, constituindo um perfil psicodinâmico propício para interagir com uma pessoa como Cenci numa cena edípica.

A cena entre Leonora e Albert da praia foi, para mim, o único ponto criticável do filme por ser bastante inverossímil, mas foi construída para apresentar os aspectos vulneráveis dos dois personagens e engendrar o final da trama. Para conseguir afastar Leonora de Cenci, Albert usa sua argúcia intelectual acusando-a de impedir o crescimento de Cenci como a mãe desta fazia.

Esta fala inicialmente ofende Leonora (talvez por tê-la escutado a partir de seu interesse escuso, isto é, sua carência infantil), mas acaba levando-a a tirar Cenci de sua fantasia edípica. Como reação, Cenci friamente rompe a relação mostrando que não precisa dos cuidados de uma mãe, apenas de Leonora para encenar seu drama edípico. Preocupada, Leonora volta a procurar Cenci, mas esta prefere morrer a desistir de sua fantasia e morre na roupa, na pele, de sua mãe. (No instante final parece arrepende-se?)

Na última cena, Leonora está com as mesmas roupas da primeira cena, isto é, está na mesma situação psicológica em que estava ao encontrar Cenci. A vingança/assassinato de Bernard/Albert não lhe trouxe alívio e nem culpa. Nina a si mesma dizendo que pedir ajuda pode ser pior, pois, como todo sobrevivente sabe, ela só precisa esperar o tempo passar para sobreviver.

Para encerrar, vale a pena refletir como tal situação tão bem retratada no filme pode acontecer na realidade, e frequentemente acontece. E nisso Freud também pode nos ajudar. Sua vasta obra pode ser estudada a partir de diferentes vértices: o biológico, o sociológico, o epistemológico, o filosófico, o psicológico e o psicodinâmico. No momento meu interesse se prende ao viés psicodinâmico e, se prestarmos bem atenção veremos que, no filme todos os personagens sabem o que está acontecendo, mas mesmo assim... encenam. A meu ver, esta é a situação psicodinâmica chave do filme, qual seja, a capacidade que o Processo Primário de Pensar tem de levar as pessoas a agirem e a interagirem sobrepujando a capacidade de estar consciente.

A frase “eu sei, mas mesmo assim...” foi cunhada por Ottave Mannoni em um artigo que tem este nome e que foi reproduzido em uma coletânea de artigos publicada pela Interlivros com o nome de “Psicose - uma leitura psicanalítica”. Esta dinâmica mental, descrita com o nome de *verleugnung*, tem sido utilizada por muitos, para explicar a perversão por ter sido estudada por Freud mais detalhadamente no artigo “Fetichismo”, de 1927. Até hoje eu não entendi porque vários autores buscam relacionar esta dinâmica mental a uma síndrome clínica

específica, no caso as perversões. Em primeiro lugar, no artigo, o próprio Freud utiliza-se de quadros psicóticos para exemplificar a dinâmica que está estudando e, em segundo lugar, relacionar patologias a mecanismos específicos (neurose à *verdrängung*; psicose à *verwerfung* e perversão à *verleugnung*) é voltar ao raciocínio etiológico da medicina, nada tendo a ver com as situações da vida como este filme tão dramaticamente nos mostra. Nele vemos diferentes patologias mentais valerem-se da mesma dinâmica.

No filme todos os personagens (tias inclusive) sabem o que estão fazendo, mas mesmo assim continuam. Como isso é possível? Desde muito cedo em sua pesquisa Freud percebeu que o Processo Primário de Pensar tem o poder de induzir à ação da mesma forma que os processos biológicos. No homem desenvolveu-se um sistema mental que opera a cada instante que for necessário mediatizando a compulsão à ação dos processos biológicos e do Processo Primário de Pensar. Esta instância é o ego.

Parece que qualquer mau funcionamento do ego (desde as lacunas cognitivas descritas por Abram Eksterman até as desorganizações psicóticas) está relacionado com a invasão de processo primário na consciência. Esta invasão, por sua vez, engendra sempre mecanismos adaptativos do ego à nova situação aumentando as distorções no próprio sistema operacional. Dependendo da qualidade do funcionamento que conseguir ser mantido teremos as diferentes síndromes clínicas. E, dependendo da história da pessoa, teremos os diferentes perfis psicodinâmicos. A conjugação destes dois aspectos é que vai constituir os diferentes quadros clínicos conhecidos com o nome de psicose. Como lidar terapêuticamente com estas pessoas em suas diversas situações clínicas é que tentaremos discutir no próximo fim-de-semana.

Obrigado.

Rio, 29.05.98